

Minas Gerais



Do barro a criação: a resistência cultural de Maria das Neves no Quilombo do Buriti do Meio

Quando a artesã Maria das Neves se senta para amassar o barro, ela gosta de cantar uma música. “No jardim do paraíso, o pai Adão perdeu o juízo, que confusão; a serpente malvada foi quem mentiu e Adão a maçã engoliu”. De acordo com ela, essa canção é um gesto de inspiração para trabalhar o barro como o processo da criação humana. “Eu gosto de pensar que no momento que estou esculpindo um vaso estou criando um corpo humano”, explica.

Aos 64 anos, a liderança comunitária e artista plástica se orgulha por ter nascido e crescido no Quilombo Buriti do Meio, em São Francisco (MG). Ali, aos 3 anos começou a brincar no terreiro com o barro e dançar batuque. Hoje, é mãe de 3 mulheres e 4 homens, e guardiã dos saberes tradicionais do seu povo. O feitiço de vasos ornamentais, bonecas e esculturas de santos são peças recorrentes no seu ateliê de Das Neves.

Quem anda pelo quintal da artesã pode ver entre as flores a imagem de Olorum, o Deus criador do universo para a Umbanda, de um lado há esculturas de santos católicos e do outro há pessoas que representam a resistência dos seus ancestrais negros quebrando correntes. “A minha avó materna, Torlentina, sabia trabalhar com o barro, tudo que aprendi no artesanato foi vendo as peças que ela criava em casa”, recorda.

A partir das vivências com a avó, Das Neves lembra que aos 11 anos fez o primeiro presépio de cerâmica para atender uma encomenda da filha de um fazendeiro. Esse momento lhe permitiu criar diversas peças e trabalhar os detalhes de cada personagem, algo que segundo ela é importante para o seu processo criativo. “Eu aprendi com ela o tempo do barro, os lugares certos de retirá-lo nas margens do rio, como queimar a peça no forno de lenha por duas horas”, explica a artesã.

Com o passar dos anos, Das Neves se tornou referência na criação e no ensino das técnicas de artesanato a partir do barro. De acordo com ela, esse ofício é realizado por três grupos de mulheres do território, que totalizam cerca de 20 pessoas. A artesã destaca que essa é uma alternativa para o fortalecimento da renda local e também espaço coletivo de encontro para conversas.

“Antes a gente tinha que andar muito daqui do quilombo até a cidade para vender as nossas peças, nós tínhamos que carregar as peças pesadas, era sofrido”, diz. Das Neves observa que em função dessas dificuldades o manejo com o artesanato do barro passou a ser feito por poucas mulheres da comunidade e não despertava o interesse das novas gerações. “Hoje, após o apoio do projeto Quilombo dos Direitos, realizado pela Cáritas Diocesana de Januária, nós conseguimos construir um galpão aqui na minha casa para criar as peças e guardar os artesanatos, fizemos oficinas com a juventude e tivemos a oportunidade de fazer um intercâmbio para conhecer o trabalho de artesãs de outros quilombos”, afirma Das Neves. Ela reflete que a iniciativa mostrou a importância do artesanato de barro como uma prática tradicional do território.

Desde 1999, Das Neves recebe escolas e universidades para uma vivência na comunidade e assim aprender sobre a cultura tradicional quilombola. Com o objetivo de fortalecer esse legado a partir do compartilhamento de saberes, em maio de 2017 a artesã criou um Ponto de Cultura Quilombo Artes, coordenado por ela, José Ferreira de Souza, Flávia Gonçalves Lima e Wendel Marcelino de Lima. “Todo ano fazemos a Festa da Abolição da Escravatura aqui no espaço cultural, nós recebemos mais de 30 ônibus com estudantes das escolas de São Francisco para participar com a gente, aprendendo sobre a nossa cultura e a nossa história de luta pela liberdade negra”, afirma.



Das Neves diz que está muito difícil o acesso à matéria-prima do artesanato. “Em função do desmatamento dos fazendeiros da região parte do leito dos rios do território secaram, o que compromete diretamente o acesso ao barro para a produção das peças de artesanato. Antigamente, a gente tinha pontos de olaria, que são buracos de até três metros de profundidade onde retiramos o barro molhado, escuro, próprio para o artesanato. Hoje diminuíram muito os pontos onde podemos coletar, as veredas secaram, se continuar desse jeito daqui alguns anos não vamos poder fazer artesanato”, afirma.

De acordo com Das Neves, uma das estratégias para não deixar a tradição morrer é o Ponto de Cultura que forma adolescentes e jovens no feito do artesanato de barro para que eles possam lutar e manter vivo o legado do quilombo. Ela reforça que para as novas gerações é fundamental construir o diálogo com outros territórios quilombolas para trocar experiências e saberes. Esse movimento permite o fortalecimento mútuo de vários territórios.

“Mesmo com as conquistas, o meu sonho é fortalecermos a escoação dos artesanatos que criamos, porque ainda temos dificuldade para vendê-lo. Se tivermos esse espaço, sem sombra de dúvidas a comunidade vai se sentir mais mobilizada a se dedicar à produção do artesanato porque vai gerar mais renda”, aposta Das Neves.